

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

SIMÃO, O MARINHEIRO.



Nenhuma de vós, queridas leitoras, ignora hoje, que existe nesta côrte um marinheiro do naufragado vapor *Pernambucana*; o qual, sem nenhum outro incentivo mais que o amor do seu proximo, com o seu valor e coragem, salvou a vida de senhoras, homens e crianças, arriscando a sua propria para esse nobre fim, no momento que o alquebrado navio, arfando sobre as aréas de uma praia agreste e deserta, onde encalhára, era açoiado de todos os lados pelos horribes e immensos rôlos do mar, que branhia, que ameaçava tudo devorar em suas iras implacaveis, sumindo para sempre o desmantelado casco do infeliz *Pernambucana*!

Este destemido marinheiro, como sabeis, chama-se Simão, é preto, filho de Cabo Verde, e ali casado, tendo vivos, sua mulher e seus filhos. Por força de necessidade, ou quem sabe.... a mão Divina o encaminhando já para tão sagrado fim, engajou-se como marinheiro do vapor *Guabará*, quando este navio tocára em Cabo Verde, na sua viagem para o Rio de Janeiro. Chegando aqui, como para cumprir a sua mais que nobre missão, foi Simão baldeado para o vapor *Pernambucana*, no qual dias depois, viajou para o Rio Grande.

Simão, o marinheiro intrepido, está de volta desta immensa e afadigosa viagem, dessa missão importante, divina e humana.... Ah!... permiti, senhoras, que enxugue ainda neste momento mais uma lagrima de gratidão.... Este homem salvou sobre suas costas uma de minhas mais intimas amigas: esta terua mãe com todos os seus filhiuos quasi a expirarem de fome, de frio, e de medo, por elle forão salvos! Desculpai-me: ainda choro....

Dizia-vos que o intrepido marinheiro estava de volta ao Rio de Janeiro. Sim, queridas leitoras, e vós sabeis que o digno gerente da Companhia Brasileira dos Paquetes e a respectiva commissão, abrirão uma subscrição em favor de Simão, que foi immediatamente aceita pela Praça, e na qual figurão como primeiros os nomes de S. M. o Imperador e S. M. a Imperatriz, com a quantia de 600\$000 réis.

O Monarcha, depois disto, mandou chamar o corajoso marinheiro, e sendo-lhe este apresentado, S. M. fez-lhe algumas perguntas acerca de seus filhos, acabando por dar-lhe do seu bolsinho 400\$000 réis, além de igual quantia com que concorreu para a subscrição da Praça.

Repetiremos aqui com um dos nossos nobres

collegas — S. M. o Imperador deu mais uma prova de sua alta magnanimidade e extrema generosidade. O corajoso Simão será por certo reconhecido e ensinará a seus filhos a reconhecerem também a súbida honra que lhe foi feita pelo soberano.

Enquanto, á uos, rendendo sincera homenagem ás altas virtudes do Augusto Monarcha Brasileiro, desejamos que seja conhecido em todo o mundo tão nobre proceder.

Simão entregou essa quantia ao Sr. gerente, Carneiro Leão. Este digno cavalheiro manda tirar o retrato do intrepido marinheiro, e vai envial-o á Inglaterra para que seja distribuido na *Illustração*.

A Academia das Bellas Artes vai fazer o busto de Simão, afim de ser collocado na Praça do Commercio. Simão merece tudo o que por elle se ha feito nestes ultimos dias: tanta coragem e abnegação é digna do reconhecimento publico.

O governo imperial resolveu conceder uma

medalha de distincção a este corajoso marinheiro. Este acto do governo é superior á todo e qualquer elogio. que lhe possa fazer a imprensa. O Brasil dará, sem duvida, o apreço a um proceder tão nobre e justo.

Nós, portanto, queridas senhoras, nós, cujos sentimentos não podem ser inferiores aos magnanimos sentimentos que se hão desenvolvido, devemos alguma cousa fazer em favor do intrepido marinheiro. Não vos indico o que deverá ser, nem o que deveis fazer, porque ao coração de nós outras a voz da generosidade articula voluntariamente os seus mais bellos canticos de dedicação e reconhecimento.

Simão não exigiu paga ao seu nobre trabalho; mas, quanto pagaríamos nós á aquelle que nos salvasse a vida dos horrores de uma morta certa e affrontosa, arriscando a sua com valentia e desinteresse!...

A REDACTORA EM CHEFE.

MODAS

O baile do *Cassino* no dia 10 do corrente veio despertar o mundo elegante, e animar a semana, que seria insipida e sómente commercial sem este attractivo seductor do bello e delicioso de uma noite naquelles salões.

As funções particulares neste mez serão poucas. A sociedade parece resentir-se sensivelmente dos primeiros calores da estação, e d'ahi esses dias monotonos do mez de Novembro, que mais servem para os preparativos da jornada para o campo do que para prolongar a estação dos nossos encantados bailes.

Não obstante, algumas funções ainda teremos neste mez, contando mesmo, lá para o fim, com o *Cassino*, que nos vai dar mais um baile ainda, para assim satisfazer aos estatutos da sociedade, que determinarão um certo numero de bailes annualmente.

O baile do dia 10 foi muito concorrido, como é de esperar sempre que as Augustas Pessoas Imperiaes fazem a honra de lá se apresentarem.

Novos e lindos *toilettes* apparecerão, bellas e elegantes senhoras não faltarão.

Notarei de passagem alguns dos novos *toilettes*, para que as queridas leitoras me não accusem de ter estado no *Cassino*, e de nada lhes contar do que vi.

Entre os mui lindos *toilettes* das nossas elegantes, cujo delicado gosto na escolha de seus vestidos e enfeites é geralmente admirado, encontrava-se um delicioso vestido de chamalote branco escocoz, de cabeção á grega, enfeitado de fita de veludo escocoz, o qual era de primoroso effeito. As flores raidas, de hervilhas de cheiro, ornavao com muita graça o penteado da Ex.^{ma} Sra. D. — F...

O vestido da Ex.^{ma} Sra. D. — M. C... era de garça de seda, de tres folhos enfeitados com brocos escarlates; corpo á grega; mangas fofas.

A Ex.^{ma} Sra. D. — M. Ferr... trajava um vestido de valiosa seda verde-clara lavrado de branco e preto: saia lisa; corpo de bico; cabeção á Luiz XV, de blonde branco, bordado de perolas verdes, e enfeitado de veludo preto. Grinalda á Stuart de rosas Pompon.

A Ex.^{ma} Sra. D. — A. Rodok... tinha um bello vestido de seda cor de rosa com barras de veludo preto tecidas na mesma seda.

A Ex.^{ma} Sra. D. — M. Franc... escolheu um vestido de nobreza azul com um folho de renda ponto de Inglaterra, um fofa largo em baixo semeado de laços de garça azul; sobre a renda tres ordens de fofos da mesma garça. Corpo á grega, enfeitado de renda de ponto de Inglaterra. Penteado Eugénie, de fita de garça azul com enfeites de prata.

Em geral notavão-se em grande numero os vestidos de corpo á grega, que, por ser moderno e muito elegante, tem as preferencias do bom-tom. Não vi um só que não fosse bonito e perfeitamente talhado. Os de cabeção á Luiz XV, lisos e espartilhados, não menos elegantes apparecerão. Os decotados simplesmente, a mais de uma senhora conferirão as bellezas todas do seu airoso porte.

Mui ricas berthes apparecerão.

Os penteados em geral crão lindissimos, e mesmo entre elles alguns de subido valor. Se os cabelleiros não andassem sempre com tanta pressa em dia de baile do *Cassino*, eu os censuraria fortemente pela pouca paciencia que distribuem no seu officio, principalmente quando elles têm de fazer a escolha do penteado que melhor pôde ir ás feições do rosto da senhora que entrega essa parte essencial do *toilette* aos seus cuidados. Quizera que as nossas elegantes praticassem o mesmo que as Parisienses fazem quando formão o seu *toilette* de rigor — mirão-se

ao espelho, e, se o penteado não está completamente adaptado, não só á moda, mas ao seu rosto, ao tamanho de sua cabeça — mandão-no desmanchar certamente: de maneira que o primeiro cuidado do cabeleireiro, para não ter trabalho perdido, é combinar com toda a sua attenção todos os quesitos necessarios á belleza da arte, para que logo da primeira vez elle disponha um penteado com todas as applicações altamente requeridas ao bom-tom do toucador e á verdadeira elegancia da moda.

Nenhuma novidade vos posso dar dos nossos figurinos chegados neste ultimo paquete, porque até hoje ainda não puderão ser despachados. Para domingo seguinte serei fiel em dar-vos conta do que melhor apparecer.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

MEIO TOILETTE PARA SOIRÉE. — Vestido de tafetá de xadrez: saia lisa; corpo aberto, de bico, deixando apparecer um corpinho de dentro, de caça franzido, com trespesses de fita da mesma cor do vestido; a abertura do corpo é acompanhada por um cabeção á Luiz XV, da mesma fazenda, e vai revestiir o corpo atraz, que é guarnecido de uma fitinha franzida tambem. As mangas são curtas, compostas de um folho de seda e dous de caça.

Bandós Eugénie ornados de uma grinalda Eugénie de rosas miúdas.

Luvas de pellica cor de palha, pulseira de cabellos, e enfeite de fita encrespada.

TOILETTE DE PASSEIO. — Vestido de nobreza lisa: saia sem enfeites; corpo afogado até acima, enfeitado por tres laços de fita de veludo. Cinto de veludo, guarnecido de uma renda Chantilly preta, formando basquine. Mangas compridas, abertas de um lado, enfeitadas de renda e veludo. Sub-mangas de fofos de caça.

Collarinho de caça bordada, á *Mousquetaire*. Chapéo de blonde e rosas.

Luvas de pellica cor de palha.

Lenço d'Alençon.

Cattete, 12 de Novembro.

Christina.

Regras de elegancia.

Julgamos que não deixará de ter interesse a publicação de alguns pedaços extrahidos de um opusculo ultimamente dado á luz em Pariz, sob o titulo — *Theoria da vida elegante* —, do fallecido Balzac.

« O numero daquelles que se vestem á maneira do trabalhador, cujo corpo encafurna todos os dias a mesma veste cebosa e fedorenta, é tamanho quanto é o numero dos *palermas* que andão no mundo por verem andar os outros, que morrem sem ter visto nada; que ignorão o valor de um guizado e o poder das mulheres;

que não sabem dizer uma palavra, inda que seja uma tolice. Mas, *meu Deus, perdoai-lhes, porque desconhecem o que fazem!*

« Se acaso se procurasse convertel-os á elegancia, porventura poderião comprehender estes axiomas-fundamentaes de todos os nossos conhecimentos?

I.

« O bruto se cobre, o rico ou o tolo se enfeita, o elegante se veste. »

II.

« Vestir-se bem é justamente uma sciencia, uma arte, um habito, um sentimento. »

Em verdade, qual será a mulher quarentona que não reconheça uma sciencia profunda no toucador? Não sois accordes em que não póde haver graça no vestuario que se não está costumado a usar?

Ilá nada mais ridiculo que a *grisette* trajada á duqueza?

Sobre o instincto de bem vestir-se, quantas devotas encontrais no mundo, e homens e mulheres, á quem o ouro, as sedas, os estofos, as creações mais maravilhosas, são prodigalisados, e que não lhes servem mais do que a dar-lhes parencenas com um idolo japonez! D'aqui se conclue um aphorismo igualmente verdadeiro, que mesmo as loureiras jubiladas e os professores em seducção devem ter sempre em memoria:

III.

« O trajar devidamente não consiste tanto no vestuario, como no certo modo de usal-o. »

Tambem não é o farrapo, mas sim o espirito do farrapo que se faz preciso pilhar ás mãos. Quando não, arriscar-se-hia a commetter o mesmo erro da duqueza hespanhola, que recebendo uma preciosa bacia de fórma desconhecida, entendeu, depois de muito meditar, que era destinada a figurar na mesa, e a apresentou aos olhos de seus convidados com um guizado.

Hoje nossos costumes téem mudado inteiramente os trajos, e, a fallarmos verdade, não ha mais trajos. As famílias europeas todas téem adoptado o panno, porque fidalgos e vulgacho comprehenderão instinctivamente esta grande verdade: — vale mais usar pannos finos e ter cavallos do que semear sobre o vestido as pedrarias da idade media, e da monarchia absoluta. Desde então, restringida á maneira de vestir-se, a elegancia consiste na escolha cuidadosa das partes de um vestuario — é mais o luxo da simplicidade do que a simplicidade do luxo.

Ainda ha uma elegancia de outra especie... que não é senão a vaidade no modo de vestir-se, e que arrastra certas mulheres a trajar estofos esquipaticos para tornar-se notaveis; a servir-se de alfinetes de diamantes para pregar um laço, a pendurar um brinco de brilhantes na volta de uma fita, da mesma sorte que certos martyres da moda, homens de cem luzes de renda, que habitão agoas furtadas, querendo *pôr-se no rigor*, trazem botões de pedras no peito da camisa de

manhã, aboleão os calções com botões de ouro, e pendurão as lunetas fastosas em grilhões, e vão jantar á espelunca de Tabar!... Quantos destes tantalos parisienses ignorão, voluntariamente talvez, este axioma:

IV.

« O vestuario nunca deve ser luxo. »

Muitas pessoas, mesmo d'entre aquellas em quem temos reconhecido alguma distincção nas idéas, instrucção e superioridade de coração, sabem difficilmente distinguir o ponto de intersecção que separa o vestuario do homem a pé do vestuario do homem de sege!...

Que prazer não é para o observador, para o conhecedor, encontrar pelas ruas de Pariz, nos passeios, estas mulheres de genio que, depois de terem estampado seu nome, gerarchia e fortuna na maneira de seu vestuario, não figurão nada aos olhos vulgares, entretanto que são um poema para os artistas e para as pessoas occupadas em farejar-as! Muitas vezes é o accordo perfeito entre a côr e o desenho; outras, é o bem acabado dos enfeites, que revelão a mão industriosa de uma criadista particular. Estas altas potencias feminis sabem maravilhosamente conformar-se ao papel de peão, pôr isso que estão acostumadas aos atrevimentos autorisados por uma equipagem. Ninguém melhor sabe se vestir para andar a pé do que as pessoas habitudas ao luxo da sege.

E á uma destas seductoras deusas parisienses que deycimos as duas formulas seguintes:

V.

« A equipagem é um passaporte para tudo de que a mulher quer ousar. »

VI.

« O infante tem sempre a lutar contra um preconceito. »

D'onde se segue que o axioma seguinte deve, antes de tudo, regular os vestuarios dos pro-saicos peões.

VII.

« Tudo que visa a patarata é de mão gosto, como tudo que é tumultuoso. »

Brunnel tem legado uma maxima admiravel sobre esta materia, que o assentimento inglez consagrou.

VIII.

« Se o povo vos olhar com attenção, não estais vestido convenientemente; estais bem vestido de mais, engomado de mais e apurado de mais. »

Segundo esta immortal sentença, todo o peão deve andar despercebido. Seu triumpho é ser ao mesmo tempo vulgar e distincto, reconhecido para os seus e desconhecido para o resto. O apuro em demasia é um vicio talvez mais reprehensivel que o deleixo, e o axioma seguinte deve fazer tremer as mulheres pretenciosas:

IX.

« Ultrapassar a moda, é fazer-se caricatura. »

Agora resta-nos destruir o mais grave de todos os erros que uma falsa experiencia acredita entre os espiritos pouco acostumados a observar e reflectir, daremos despoticamente e sem commentario, nossa sentença soberana, deixando ás mulheres de gosto e aos philosophos de salão o cuidado de discutil-a.

X.

« O vestuario, é como a sombra, põe tudo em relevo, e o bem vestir-se consiste mais em fazer sobresahir as bellezas corporaes do que em occultar-lhe os defeitos. »

Daqui se tira o collarario seguinte:

XI.

« Tudo aquillo que o vestuario procura encobrir, augmentar ou engrossar mais do que a natureza ou a moda requer — é sempre defeituoso. »

« Tambem a moda que tem por fim uma mentira, é essencialmente passageira e de máo gosto. »

Segundo estes principios derivados de uma jurisprudencia exacta, baseados na observação e devidos ao calculo severo do amor proprio masculino ou feminino, é evidente que uma mulher malfeita, defeituosa, corcunda ou coxa, deve procurar diminuir os defeitos de seu corpo por civilidade; mas seria de pessimo gosto se ella imaginasse produzir a menor illusão: M.^{lle} de la Valière coxeava com graça, e mais de uma corcunda sabe tirar desforra pelos encantos de seu espirito, ou pelas fascinantes riquezas de um coração apaixonado.

Não sabemos quando as mulheres chegarão a comprehender que um defeito lhes dá muitas vantagens!... O homem e a mulher perfectos são antes nullos.

Terminaremos estas reflexões applicaveis á todos os paizes por este axioma que dispensa commentarios:

XII.

« Um rasgão é uma desgraça — um signal é um defeito. »

H. DE BALZAC.
(Traduzido por J.)



POESIA.

A MÃI D'AGUA.

UMA HORA DE MEU ESTRO.

I.

Onde estou eu? A que desterro os homens,
Ou de Deus o poder transpoz minh'alma?
Que horrendo exilio me revelão estes



LE MONITEUR DE LA MODE

*Modistes: M^{lle} Dubler, rue de Richelieu, 25^e; Crételle de, M^{lle} Mathélie (M^{lle} Buchez), Richelieu, 39; M^{lle} de
 de Camille Daubateau; J. Maréchal, boulevard de Chaproux, de la Croix; Passementeries de Richer, Bayard, 21;
 de la Croix, 25; Corchère, M^{lle} Clémence, de Saint-Mathieu; Parfums de Gelle, aîné et C^{ie}, rue
 des Augustins, 35; Sures de la, M^{lle} de Comin, Laussalle et C^{ie}, boulevard des Capucines. — Tissus des
 Filles de France; Bijoux en Cheveux de Lemoussier et C^{ie}, rue du Ceylan, 11, au 2^e.*

Paris, Rue Richelieu, 92.

Escabrosos penhascos, ressurgindo
Da profundez dos valles que me cercão?
Onde estou eu? Que me nao deixão livre
O terreo espaço onde esta vista alongue?
Agglomerão-se aqui confusamente
Em numero infinito os arvoredos,
Qu'entre si disputando mais folhagem,
Mais altivez frondosa, se entrelaçao,
E de tal sorte condensados ficão,
Que a brisa que um roçar todos agita!....

Onde estou 'eu? Que a voz humana foge
Desterrada p'ra além deste desterro?

Aqui jámais trilhou ser animado
Que não fosse incapaz do raciocínio!
Aqui neste logar, intacto ainda
Da vil profanação d'humanos labios,
Só é dado existir silencio eterno!
Silencio, que o bulicio das cidades
Não ousa interromper, quebrar não pôde!
Silencio, que disputa a nudez ampla
Do sinistro aposento dos finados!....
Silencio, que nem tu agora, ó filho
Da Musa, que t'embebe effluvios n'alma,
Com tuas brandas notas interrompes!....

Silencio que o sopro da brisa respeita,
Que a voz do tufão a quebrar não se atreve!
Silencio que o rouco estampido do raio
Chegar neste exilio dos bosques não deve!....

II.

Deseamba além dos entrincados ramos
Que altivos tecem verde-negra rede
Ó derradeiro dos solares raios!
O crepuse'lo da tarde inda não chega,
Mas se contempas esse occaso, e voltas
Os raios visuaes ao ponto opposto,
Dirás que foge o dia, e que das trevas
O manto crepular já se distende.....
Poeta, que te exilas na montanha
Que d'entre o deuso bosque se alevanta,
Com teus olhos de lynce descortina
A córte populosa que avassallas,
E dirás, orgulhoso de teu estro:
« Sou rei das gerações! Inspiro e movo
« Automatica massa, que instinctiva
« E brutalmente, e louca, além se agita!
« Sou rei das gerações! O sceptro ostento
« Da sacra intelligencia, que me inspira
« Esse unico poder, á quem me curvo!.... »

Mas que ruidoso estrepito, arrancando
Minh'alma desse enlevo, com que a Musa
Me exalta os pensamentos, assim falla?... —
« Se o Céu t'inspira, ó vate, escuta e adora
« Um prodigio do Céu, que se revela
« Na minha ostentação.... e fulminado
« Per um fogo do Céu, que o estro inspira,
« Decanta co'a lyra
« Prodigio sagrado!.... »

É do bosque essa voz, que assim falla pungente
Como a voz do sepulchro repleta de magoas!
Essa voz que me ordena que escute, é que cante
Esse estrepito triste da queda das aguas!....

« Aqui (brada essa voz) sómente é dado
« Ouvir-se a Natureza, que se exprime
« Nesse elemento que sacia os labios!
« Escuta como em sua immensa quêda
« Sobre a lagê dos montes estrepita.....
« Contempla-o como foge velozmente
« Na carreira, impellido do declive
« Que o recebe e o transmite á grossa arteria
« Que em tortas direcções rasga a montanha! »

Era negra a montanha, d'onde vinha,
Contrastando na cor, em doidos traços,
Precipitado o liquido, e lambendo
Raizes lateraes que se gelavão!.....

Disseras que era um tronco humano, ha pouco
Aberto pelas garras de uma fera;
E que dessa ferida o sangue em jorros
Nas pedras que tingia s'infiltrava!.....
Era immenso e terrivel (mas terrivel
Ao nescio atheu sómente) esse ruido
Das aguas, que escarcéos multiplicavão
Na queda que ao seu curso a lage impuoha!.....

Disseras que uma parte do oceano
Houvera, transmontando as cumiadas
Das serranias, occupado o espaço
De cavernosa fraga.... e ali, fremente,
Como um leão, espedaçando os ferros,
Exasperado da clausura horrivel,
Se dehatia, em furias espumando!.....

III.

E o Céu já negrejáva... e a terra escura
De luctuoso manto se envolvia.....
Era a viuva, que de crepe envolta
Os seus pesames dava á Natureza
Do esposo que ao jazigo caminhava!.....

Os montes e os valles confundem-se todos
Co'o espaço que os cobre de negro turgurio;
Os pontos ha pouco distinctos se somem,
E escuto das aguas sómente o murmurio!

E então por meus labios, sem que o preparasse,
Suspiro saudoso partiu de meu peito.....
Suspiro d'angustia! Suspiro de magoa,
Suspiro que exprime d'amores effeito!.....

E a mão que escrevia estes versos se estende
Meu nome escrevendo na pedra musgosa;
E os labios que o triste suspiro exhalavão
A' pedra disserão, com voz lacrimosa:

« Oh! sitios, vos deixol... Mais ver-vos não posso,
« Que os labios suspirão, e o ar se escurece!
« Oh! sitios, vos deixol... Que a deusa dos bosques
« Ver inda uma vez a minh'alma carree!.....

« Adeus, sitios d'encantos!..... Se inda um dia
« YARGESIA transitar-vos, por piedade
« Dizei-lhe que n'UM HORA DE MEU ESTRO,
« Com Deus nos-pensamentos, na minh'alma
« Um logar lhe cedil... Dize-lhe, ó Pedra,

- « (Qu'importa essa mudez? Meu nome ostentas,
- « E ao menos uma vez serás sensível.)
- « Dize-lhe, quando a vires, que esta Musa
- « Tambem d'ELLA occupou-se.... e se é preciso
- « Que escreva aqui seu nome, eil-o... conserva-o
- « Mudamente contigo, e cresça o musgo
- « P'ra que o possa occultar eternamente.....
- « Aos olhos de um rival? Não! que ELLA é pura;
- « Mas aos olhos do mundo curiosô!!..... »

Santa Thereza, 28 de Junho de 1852.

Antonio José dos Santos Neves.

MULHERES CELEBRES.

(Continuado do n. 44.)

C

CALFURNEA, mulher e collaboradora de Plinio o moço; as poesias que legou á posteridade, e o aperfeiçoamento das obras de seu esposo, por ella terminadas, são lápides em que seu nome se gravou para todo o sempre.

CAMBRA, filha de Belim, um dos reis da antiga Bretanha, illustre mathematica. John Pits diz que fôra ella a inventora do modo de construir e fortificar as praças de guerra. V. *Dos illustres escriptores de Inglaterra*, 1619.

CAMILLA VALENTE, poetisa. Escreveu *Epigrammas* de riquissima invenção nos conceitos, e epistolas em latim e italiano.

CARLOTA BOURETTE, conhecida pelo nome de *musa botequinista*; nasceu em Pariz em 1744, morreu em 1784. Dona de um botequim, ahi se ajuntavão diversos litteratos, o que bastou para inspirar-lhe o gosto pela poesia. Escreveu muitos versos; porém, a acreditar em um critico francez, de pouco valor. Fez a comedia — *Casquinha punida*, que foi representada com applausos em 1779.

CARLOTA CARACCIOLI; viveu pelo-fim do XV seculo. Produziu uma obra: *A felicidade humana*, em 40 livros, na qual se trata da philosophia moral, que não parece ser outra senão a de que fallarão Aristoteles e os mais autores da antiguidade.

CARLOTA CHARKE, morta em 1759 na mais extrema miseria: foi actriz de não pequeno merito, e publicou — *Historia da minha vida*, especie de memorias.

CARLOTA CORDAY D'ARMANS, nasceu em Seez em 1768, morreu guilhotinada em 1795. No meio de tantas celebidades, que ao porvir offereceu a revolução franceza dessa epocha, brilha como uma estrella em céu tempestuoso o nome de C. Corday. Sua memoria é triste, porém bem nos demonstra a alma amante e corajosa da bella homicida. Marat, aprisionando o noivo de Carlota, ia roubar-lhe a existencia, quando esta para salvá-lo, e para arrancar de França a panthéra, que parecia sustentar-se de sangue hu-

mano, assassinou a 15 de Julho de 1795, em seu banho, o famoso *convencional*.

CARLOTA GENOVEVA D'ÉON DE BEAUMONT, nasceu em Tonnerre-sur-Armençon em 1728. Esta extraordinaria mulher preencheu as difficeis missões de advogado, censor real, soldado, embaixador e escriptor politico. Seus pais, desejando um filho varão, occultarão seu sexo, e assim proporcionarão-lhe uma brilhante educação. Em 1756, depois de ter servido no foro, foi ella enviada á Russia para com Douglas trabalhar pela paz desse reino com o da França; em 1757 trouxe á Versailles o tratado de aliança. Em 1758 concluiu a ratificação desse mesmo tratado, e o da convenção maritima da Russia, Suecia e Dinamarca reunidas á França contra a Inglaterra. Nomeada ajudante de campo do general Broglie, salvou as bagagens em Hoxtes, e no combate de Ulrope, sendo ferida na virilha, não deixou perceber no tratamento que era mulher. Secretario na negociação de Londres, ahi illustrou-se pela sua politica e discernimento; depois foi nomeada ministro plenipotenciario. Por intrigas dos duques de Praslin e Choiseul, foi ella perseguida, e enfim, descoberto o seu sexo, demittida de todos os cargos. Morreu em 1795 quasi miseravel, o que evidencia a sua probidade, tendo em 1792, por premio de haver assistido á guerra dos 7 annos, pedido um posto no exercito, e permissão de servir a patria. Escreveu *Memorias: Historia politica da Polonia; Pesquisas sobre o commercio e a navegação; Pensamentos sobre o celibato*, e outras muitas obras historicas, politicas e financeiras.

CARLOTA GUICHARD, celebre typographa. São em grande numero as suas nitidas publicações; entre outras citão-se a *Biblia latina*, e um *S. Gregorio* em 2 vols. tão correcto, que na errata só liao-se tres emendas, cousa rarissima na teura mocidade daquella arte, isto é, no seculo XVI.

CARLOTA HOBE, poetisa; nasceu em Chemnitz, Escreveu: *As flores do Norte, Poesias dramaticas*.

CARLOTA ISABEL DE BAVIERA, mãe do regente de França; nasceu em 1652, morreu em 1772. Escreveu: *Cartas* publicadas em 1840, as quaes contêm curiosas noticias da corrupção da corte durante os ultimos annos do reinado de Luiz XIV.

CARLOTA JOANNA, marquez de Montesson; nasceu em Bretanha em 1751, morreu em 1806. Inspirou profunda paixão ao neto do regente, que a esposou secretamente. Para recreio, mandou construir no seu palacio um theatrinho onde, em companhia de seus amigos, representava peças de sua composição. Escreveu: *Dramas e Poesias*.

CARLOTA ROBESPIERRE, irmã do celebre revolucionario francez; nasceu em Arras, em 1761, morreu em 1854. Escreveu: *Memorias*, summamente curiosas pelas narrações e noticias historicas, porém inverosímeis na maior parte.

CARLOTA ROSA DE LA FORCE, da academia de Padua; nasceu em Casanova em 1650, morreu em 1724. Poetisa delicada e boa romancista.

Escreveu: *Epistola à Sra. de Maintenon*; *Castello no ar* (poema); os romances: *Historia de Boryonha*, 2 vols.; *Historia de Margarida de Valois*, 4 vols.; *As Fadas*, *Contos dos contos*; *Memorias historicas da duquesa de Bar*, e *Gustavo Wasa*.

CARLOTA SAUMAISE, condessa de Bregy, poetisa; nasceu em 1619, morreu em 1695. Sua fertil imaginação produziu uma *Collecção de cartas e de poesias*, com magníficos pensamentos e de graciosa invenção.

CARLOTA SMITH, romancista e poetisa mui conhecida e apreciada; morreu em 1787. Escreveu: *Celestina ou a victimã dos sophismas*, 4 vols.; *Corisandra de Beauvilliers*, 2 vols.; *Cartas às senhoras casadas*, etc.

CAROLINA LAMB, poetisa; nasceu em 1785, morreu em 1828. Escreveu: *Glenarvon*; *Graham Hamilton*; *Ada Rees* e outras.

CASSANDRA FIDELE, poetisa, hellenista e philosopha. Os autores divergem sobre a epocha do seu nascimento: *Perym* a dá morta em 1567 com 102 annos, e a *Biographia universal* em 1558, com 95. Ainda na flor da idade, foi convidada pelo doge de Veneza Agostinho Barbariuo para assistir a um seu banquete, e ali proferiu ella uma brilhante oração em latim; mais tarde argumentou com varios sabios sobre diferentes pontos da theologia e philosophia, e os mestres não a reputarão vencida: Escreveu: *De litteratum landibus*; *De scientiarum ordine*; *epistolae e poesias*.

(Continúa.)

Origem da festa de Todos os Santos.

As nossas leitoras seguramente não desprezarão o artigo que lhes vamos dar em resumo da origem da festa de Todos os Santos: elle não é extenso, e ficão de posse de mais uma noticia que lhes poderá ser util alguma vez. Extractamos-o de um livro de geral consideração.

« A igreja catholica celebra nos dous primeiros dias de Novembro duas festas principaes. A primeira em honra de todos os Santos, e a segunda em commemoração dos defuntos. A origem da festa de todos os Santos sobe ao principio do seculo VII. No anno de 607 o papa Bonifacio IV, havendo obtido do imperador Phocas o celebre templo chamado Pantheon, o purificou e dedicou á Virgem e aos martyres. Ora, como o nome de Pantheon significa — templo de todos os deuses —, e que effectivamente naquelle soberbo edificio se vião os simulacros de todos os falsos nomes do paganismo, que forão substituidos por outras tantas imagens de diversos santos, o povo conservando a memoria do antigo titulo, lhe ficou sempre chamando — o templo de todos os santos. Ora, como não era possivel festejar-se separadamente todos os santos, cujas imagens ali se veneravão, o papa accordou em instituir uma festa só para todos os santos, que desde então se ficou celebrando em Roma; porém foi sómente nos primeiros annos do seculo IX que o

papa Gregorio IV mandou que esta festa fosse recebida em toda a christandade, e celebrada no 1.º de Novembro.

« A commemoração dos defuntos foi pela primeira vez celebrada no decimo seculo, por Santo Odillon, abbade de Cluency, e brevemente se espalhou por toda a França; mas só foi depois de mais de um seculo que a igreja universal a adoptou.

« Vejamos agora o porque nos antigos tempos chamarão Novembro ao corrente mez.

« Chamou-se este mez assim de *novem*, nove, porque era elle o nono mez do anno, segundo o primitivo calendario romano, e posto que depois passasse a ser o undecimo, conservou sempre o seu nome.

« A 5 deste mez celebravão os Romanos festas em honra de Neptuno e de Jupiter, em cujos templos armavão mezas e fazião grandes banquetes. A 15 começavão os tres dias dos *jogos plebeos* representados no circo. De 21 a 24 celebravão as festas *brumæ* ou do inverno. A 27 fazião sacrificios em honra dos mortos.

« Os Egypticos celebravão durante quatro dias depois do 17 do mez de Athyr, que corresponde ao de Novembro, uma festa lugubre em memoria do luto e dó da deusa Isis, pela perda de Osiris, seu irmão, a quem seu marido Typhon havia matado.

« Tambem a 7 de Novembro celebravão os Gregos a festa dos mortos, á qual chamavão a festa *das favas*, porque entre elles as favas erão o symbolo dos mortos, e era uso inalteravel comerem-nas sempre nos banquetes que se seguião aos funeraes. »

Os bigodes do capitão.

Certo capitão suizo, de granadeiros, cuja companhia havia sido licenciada, possuindo poucos bens de fortuna, tentou fazer o que muitos já tem feito — especulação por meio do casamento.

Este *dote*... isto que se chama dinheiro, que a moça traz quando se casa, sem saber que muitas vezes é o seu maior verdugo e o sonho dourado de seu marido... *este dote*, vá lá repetido, é o scenario de um theatro, cujos dramas, tramoias e tragedias, darião *panno para mangas*, se podessem ser publicados em letra redonda as suas diversas composições....

Mas o nosso capitão de granadeiros suizos, não era de graças; era um daquelles a quem se costuma a dar o nome de — Valentão. Já se vê que não era homem de bailes nem d'aguas de colonia — *polyora*, fogo de mosquetaria, bombas e granadas, erão o seu forte — tiros e chamusco erão as suas delicias.

Tinha elle seis pés de altura: trazia uma comprida espada á cinta, um formidavel chapéo armado na cabeça (nos pés não o podia elle trazer), e, ainda em cima de tudo isto, um distincto e tremendissimo par de bigodes, que formavão a principal occupação e ventura da sua vida, pois que consumia diariamente horas inteiras a pentear e a torcel-os defronte do espelho. Isto, bem

entendido, nas horas vagas, e quando estava de licença.

Depois de ter feito bastantes indagações a respeito das senhoras solteiras do lugar, onde se achava, teve, enfim, noticia de uma que o fez arregalar os olhos até á raiz dos cabellos da testa, porque certamente completava os seus desejos, não só porque era joven, bella e rica; mas, o que era melhor, muito melhor — podia dispor da sua fortuna.

Em mãos de uma moça, cuja educação fora leviãna, o diuheiro só lhe serviria de um mar encapellado para nelle afogar-se por baixo do veleiro batel dos sequiosos especuladores; mas nas mãos desta, que além de uma excellente educação, era intelligente e viva como um azougue... Vamos ao nosso capitão.

O nosso capitão procurando meios de pôr em execução o seu plano de casamento, conseguiu depois de muito tempo, ser apresentado á moça, e em pouco tempo, não esteve para mais demoras, lhe fez conhecer que morria de amores por ella: sua lingoagem, exagerada como é a dos namorados desta laia, não cessava de elogiar os encantos da moça, a quem mil vezes dizia — que os seus bofes, o seu figado, o seu coração, cabeça, olhos, todo o seu corpo, se consumião lentamente por se acharem crestados das channas, e traspasados pelas settas do travesso deus de amor.

Um bello dia em que estes empolados discursos tocavão os seus limites, e o capitão de joelhos, com os olhos mais ternos que podia arranjar, com a espada á cinta e o chapéo armado na mão. (Devia estar um figurão interessantissimo!) pedia á joven que alguma coisa difficil lhe mandasse executar, como, por exemplo, ir arrancar o diamante do nariz do Grão Magol, ou furtar a chinella encantada da imperatriz da China; isto para dar-lhe um pequeno testemunho do que seria capaz de fazer em prova do seu amor... a moça lhe replicou nestes termos:

— As protestações que diariamente me fazcis do vosso amor, e as que acabais de proferir, me convencem de que não ha cousa alguma que deixasseis de fazer por me obsequiar; portanto, estou prompta a dar-vos a mão de esposa, contanto que me façais um pequeno serviço....

— Ah! dizei, senhora! gritou o filho de Marte; dizei promptamente o que é. E... antes de fallar, sabeis que estais servida, *servidissima*, e neste mesmo instante... Sim. Quereis que eu vá procurar o signo de Salomão?... Que apanhe a Phenix?... Que faça puxar a sua carruagem por unicornes? Qual o acto impossivel, que por vossa causa eu não emprehenda?...

— Não, respondeu a joven, eu não quero, Sr. capitão, cousas tão extraordinarias: contento-me com um obsequio que podeis fazer em poucos minutos, e do qual não duvido, se por ventura, são sinceras as vossas protestações de affectos.

— Oh! Senhora! exclamou arrebatadamente o official, não sejais injusta para o vosso soldado raso, para o vosso humilde escravo. Não acrediteis que aquelle que se sustenta da luz dos vossos olhos, possa pela milesima parte de um segundo retardar o cumprimento dos vossos omnipotentes preccitos. Sim, oh, sim; fallai, dizei, imperatriz deste vulto incendiado, determinai: o que devo cumprir?...

Estas ultimas palavras disse-as o valentão com o mais adocicado gosto de abobora d'agua em calda — era já um outro homem!

— Ora, Sr. capitão, vereis que não sou muito exigente....

— Ainda que o sejais; mandai-me, aujo das batalhas....

— É uma bagatella....

— O que for, querido encanto, o que for. Entre bombas e granadas, no mais intrincado combate, la mesmo irei, se é esse o vosso gosto.

— Pois, Sr. capitão, peço-vos que rapeis os vossos bigodes.

— Senhora! Os meus bigodes!! Rapar os meus bigodes... Escusai-me. Os meus bigodes rapados! Perdoai-me, senhora; tudo, menos isso. Qualquer outra cousa que a lingua possa proferir; o que se possa ou nao possa imaginar; porém em quanto aos meus bigodes, reclamo o privilegio de os conservar.

E porque, Sr. capitão? Certamente qualquer outro que estivesse abrasado em uma paixão ainda menos intensa do que a vossa, não recusaria fazer um sacrificio tao insignificante á sua amada.

— Insignificante, senhora! Mens bigodes insignificantes!! Se eu tivesse um unico regimento de homens de bigodes como os meus, eu mesmo seria o grão turco de Constantinopla. Meus bigodes, senhora, são o derradeiro sacrificio que eu vos havia julgado capaz de exigir de mim. Quereis ouvir; não existe no mundo uma só moça que nao se maravilhe dos meus bigodes.

— Pôde mui bem ser, senhor; porém, se quereis casar commigo é forçoso rapar os bigodes.

— E não me dispensais deste sacrificio? Não poderei ter esperanças de ser feliz, sem despir-me dos meus bigodes?...

— Nunca.

— Pois bem, senhora, adeus. Eu me não desfaria de um só cabelo dos meus bigodes, ajuda que Catharina, a imperatriz de todas as Russias, o exigisse *officialmente*.

Consta-nos que uma outra espiituosa moça, ao ler no francez este caso, dissera para duas amigas, rindo-se a não poder mais. « Pois eu faria o contrario: se o capitão fosse dos de *caru pelada*, exigia, por condição de casamento — que criasse bigodes. »

— E qual das caras é a mais interessante, minhas senhoras?

Acompanha este n.º 46 a estampa 168 de figurinos de *soirée* e passeio.

Typ. do Jornal das Senhoras, RUA DO CANO N. 165.